DE *VOSSA MERCÊ* A *CÊ* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: DA GRAMÁTICA AO DISCURSO[1]

FROM *VOSSA MERCÊ* TO *CÊ* IN BRAZILIAN PORTUGUESE: FROM GRAMMAR TO DISCOURSE

Maria do Socorro Vieira Coelho[2]

Resumo

A variante cê *se caracteriza como a forma de um* continuum *iniciado com o pronome de tratamento* Vossa Mercê*, que servia para marcar, lingüisticamente, no medieval ibérico, a distância social entre senhores e vassalos. Voltando a atenção para as transformações sofridas por* Vossa Mercê*, ao longo de seu uso, averiguamos, neste trabalho, o seguinte: a) os níveis lingüísticos – gramatical, semântico, pragmático e discursivo – envolvidos no processo; b) a situação de uso das formas já obsoletas; e c) o roteiro percorrido por* Vossa Mercê *em espaços distintos do Brasil. O resultado da nossa investigação nos mostrou que atualmente contamos com três formas em variação (*você ~ ocê ~ cê*) no português oral brasileiro, que a expansão e a fixação das várias formas – de tratamento ou de valor dêitico – oriundas de* Vossa Mercê *se devem a causas históricas e socioculturais e que o espraiamento dessas formas em direções variadas nada mais é do que uma amostra, uma evidência da possibilidade de variação e mudança em contexto intraterritorial.*

Palavras-chave: *Forma de Tratamento, Pronome, Vossa Mercê, Você.*

Abstract

The variant cê *is characterized as a continuum form begun as the treatment pronoun* Vossa Mercê*, used to mark linguistically in the iberic medieval language, the social distance between landlords and slaves. Drawing the attention to the transformations of* Vossa Mercê*, along the time, we can notice through this work, the following: a) the linguistic levels – grammatical, semantic, pragmatic and discourse involved in the process; b) the situation of use of the already obsolete forms; and c) the route* Vossa Mercê *has gone throughout distinct spaces in Brazil. The result of this investigation showed us that, at present, we have three variation forms (*você ~ ocê ~ cê*) in the oral Brazilian Portuguese; that the expansion and fixation of several forms – of treatment of deitic value coming from* Vossa Mercê *is due to historical and socio-cultural causes and that the spread of these forms in varied directions is nothing more than an evidence of the variation and change possibility in intraterritorial context.*

Key words: *Treatment Form, Pronoun, Vossa Mercê, Você.*

1 Introdução

Conforme se sabe, a forma de tratamento da 2ª pessoa *você*, considerada padrão, apresenta, no português brasileiro (PB) atual, as variantes não-padrão *ocê* e *cê,* já fixadas na nossa fala do dia-a-dia, que dão continuidade a uma cadeia sucessiva de mudanças, cujos resquícios ainda hoje são encontrados em lexemas arcaicos como *vancê*, *ancê*, *oncê*, *sucê*, *vacê*, de uso restrito às áreas rurais. Nessa linha de evolução, o pronome *cê* se caracteriza como a forma de um *continuum* iniciado com o pronome de tratamento *Vossa Mercê*, que servia para marcar, lingüisticamente, no medieval ibérico, a distância social entre senhores e vassalos.

Voltando a atenção para as transformações sofridas por *Vossa Mercê*, ao longo de seu uso, propomos, neste trabalho, averiguar o seguinte: a) os níveis lingüísticos – gramatical, semântico, pragmático e discursivo – envolvidos no processo; b) a situação de uso das formas já obsoletas; e c) o roteiro percorrido por *Vossa Mercê* em espaços distintos do Brasil. Para realização dessa tarefa, tomaremos como ponto de apoio os estudos realizados por autores como: Pereira (1915), Said Ali (1930, 1966), Bastos (1931), Nascentes (1950), Amaral (1955), Luft (1957), Melo (1971, 1981), Cintra (1972), Biderman (1975), Wilhelm (1979), Elia (1979), Lapa (1991), Faraco (1996, 2005), Ilari *et al.* (1996), Marroquim (1996) e Menon (1997), procurando complementar suas lições com princípios e pressupostos de correntes teóricas que levam em conta o modo da produção da linguagem e de seu uso real.

2 Razões Históricas e Sociais da Evolução de *Vossa Mercê* no Português

Pereira (1915) nos relata o momento histórico em que os pronomes pessoais no latim clássico passam a desempenhar também a função de *reverência* ou *irreverência,* além da de indicar a pessoa gramatical do nome por eles evocado. Segundo esse autor, no latim clássico, os pronomes pessoais tinham seu valor próprio sem qualquer outro significado, e foram os imperadores romanos, a partir de Deoclesiano, que iniciaram o uso de **nós** em lugar de **ego**, e o pronome plural **nós** passou, assim, a indicar uma pessoa "proeminente", isto é, que representava uma coletividade. Os príncipes e os bispos reclamaram para si o mesmo emprego desse plural, que passou a significar **plural** de majestade. Levado pela analogia, o pronome **tu** começou a ser substituído pelo pronome **vós,** nas línguas românicas, sempre que a intenção era mostrar deferência ao interpelado. Com isso, o pronome **tu** perdeu sua dignidade primitiva e passou a ser usado, por um lado,

como expressão de inferioridade, de desprezo ou de ódio e, por outro, no círculo de relações íntimas, como expressão de amor e de familiaridade.

O pronome **tu**, devido à influência da Vulgata, continuou sendo empregado com sua "dignidade primitiva", na linguagem religiosa, no momento em que se dirige a Deus. Esse fato pode ser verificado na oração Pai Nosso, proferida em latim e português europeu. Verifiquemos nos exemplos a seguir:

> **Oração em latim:** Pater noster, quies in coelis, sanctificetur nomen tuum. Adveniat regnum tuum. Fiat voluntas tua, sicut in coelo et in terra. Panem nostrum supersubstancialem da nobis hodie. Et demite nobis debita nostra, sicut et nos demittimus debitoribus nostris. Et ne nos inducas in tentationem. Sed libera nos a malo. Amem (Pereira, 1915, p. 460).
>
> **Oração em português europeu:** Padre nosso, que estás no Céo: santificado seja o teu nome. Venha a nós o teu reino. Seja feita a tua vontade, assim na terra como no Céo. O pão nosso que é sobre toda substancia, nos dá (tu) hoje. E perdoa-nos as nossas dividas, assim como nós também perdoamos aos nossos devedores. E não nos deixeis (tu) cahir em tentação. Mas livra-nos do mal. Amém (Pereira, 1915, p. 460).

Ao ser proferida no Brasil, a referida oração deixa o emprego da 2ª pessoa do singular e passa a adotar os pronomes possessivos e os verbos para a 2ª pessoa do plural, ficando da seguinte maneira: "Padre nosso, que estaes no Céo; santificado seja o vosso nome... venha o vosso reino... (vós) perdoaes as nossas dividas... não nos deixeis (vós) cahir... (vós) livrae-nos do mal". Com o tempo, segundo Pereira (1915):

> ... a idéa acessória de deferência ou dignidade no emprego dos pronomes da 1ª e 2ª pessoas do plural (nós/vós) requintou em nossa língua o espírito de cortezania, promovendo a creação de certo numero de pronomes ou expressões pronominaes de tractamento, taes como: Vossa Mercê (V. M.), Vossa Senhoria (V. Sª.), Sua Senhoria (S. Sª.), Sua ou Vossa Excellencia (S. ou V. Exc.ª), Reverendo (Rev.), Sua ou Vossa Reverendíssima (S. ou V. Revd.mª), Sua ou Vossa Alteza (S. ou V. A.), Sua ou Vossa Majestade (S. ou V. M.), Sua ou Vossa Mercê (S. ou V. M.) (p. 461).

E mais...

> Vossa Mercê deu-nos, contrahido, você (V.), com mudança de sentido, pois você equivale a tu, no uso actual, e se refere a eguaes ou inferiores, indicando, às vezes, no circulo doméstico, carinho de filhos para com seus paes (idem).

Wilhelm (1979) faz menção à forma *Vostram Mercedem,* de origem latina, que considera derivadora das variadas formas encontradas hoje no português. Preocupado em apresentar e analisar os pronomes indicadores de distância vigentes no português europeu e no brasileiro, o autor reconhece a grande dificuldade de realizar esse trabalho, tão grande é o número de formas encontradas. Além da extensa variedade de formas de uso, detectam-se outras tantas que fogem às prescrições da gramática normativa,

cujo emprego nem sempre é tranqüilo para os falantes nativos, e menos ainda para os estrangeiros. Comprovam-nos isso as seguintes derivações da forma *Vossa Mercê* registradas por esse autor:

> amecê, ancê, bacê/bacés, bancê, bassamacê, baucê, bocê/bocês, bòcencê, bomcencê, bomecê, bonsencê, bòssencê, cê, mecê, mincê, mòmecê, ocê/ocêis, ocês, oncê, semecê, sucê, suncê, vacê, vãcê, vaçuncê, vainicê, vam'cê, vamecê, vancê/vancêis, vancês, vansmincê/vansmincês, vassemecê, vassucê, vassun'cê, vassumecê, vasssuncê, vaucê, você, vòcê, võcê, vòcei, vocemecê, voicê, vom'cê, vomecê, vòmecê, vòmecei, vòmecia, vomincê, voncê, vonsencê, vormincê, voscê, vosm'cê, vosmecê, vos'mecê, vosmicê, vosmincê, vossamercê, vossa mercê, vossancê, vossê, vossecê, vòssecê, vossem'cê, vòssem'cê, vossemecê, vòssemecê, vóssemecêa, vossemincê, vóssencê, voss'm'cê, voss'mecê, voss'micê, vossucê, vossuncê, voucê, bassamacé, voss'amecê, oscê, ucê.

Quanto à forma originária, assevera-nos Lapa (1991) que a mais antiga registrada no português é *Vossa Mercê*, que apareceu nos fins do século XIV, como forma de tratamento próprio ao rei, e que tal forma deu origem às formas *você*/*vocês*. Ainda nesse período, devido a mudanças fonéticas e à perda de valores semânticos, essa forma foi, segundo esse medievalista, substituída pelo pronome de tratamento *Vossa Alteza,* que, por sua vez, mais tarde, foi substituído por *Vossa Senhoria*. Em Portugal, a nova forma de terceira pessoa do plural, *você,* acabou substituindo o pronome de segunda pessoa do plural *vós*, considerado hoje como arcaico, de modo que, salvo no falar de regiões como a Beira e Norte do país, onde se usa o *tu*, a antiga forma de segunda pessoa do plural praticamente caiu em desuso, permanecendo apenas nas orações religiosas, como um modo especial de o fiel se dirigir a Deus.

Por sua vez, o pronome *você,* de segunda pessoa do singular, considerado pouco respeitoso, normalmente é evitado no português europeu, no qual prevalece a forma *vossemecê*. A essa forma *vossemecê*, de uso profícuo em Portugal, correspondem as formas *vosmicê* e *vancê* ainda encontradas no Brasil, onde *você* tem a preferência dos usuários, que optam por um tratamento mais familiar do interlocutor, chegando a desconsiderar-lhe a faixa etária e a posição/função social.

De acordo com Said Ali (1966), o lexema *você* seria o resultado atual de uma evolução de raízes latinas, iniciada com a introdução dos pronomes *tu*/*vós* no português, usados como tratamento direto das pessoas a quem se dirigia a palavra. Devido à necessidade de diferenciar, hierarquicamente, o interlocutor, usava-se o *tu* em contextos de maior intimidade e *vós* em casos de tratamento cerimonioso indireto. Outro modo de indicar respeito e cerimônia para com o interlocutor era conceder-lhe um atributo ou qualidade eminente, por meio de formas como *Vossa Mercê* que, de caráter indireto, traduzia a distância entre o enunciador (destinador) e o enunciatário (destinatário) empíricos (ver Ducrot, 1987). Desgastado pelo uso, o pronome foi se reduzindo foneticamente, dando origem a formas como: *vossemecê, vossancê, vossecê* e *você*.

Procurando traçar um quadro mais detalhado desse trajeto rumo à gramaticalização[3] e à expansão dos

neologismos advindos de *Vossa Mercê*, Faraco (1996), em abordagem diacrônica do processo, também faz menção ao ambiente sociocultural reinante no período do seu desencadeamento. Para ele, a indiciação dêitica do interlocutor, por meio de lexemas nominais e pronominais, se encontra em franca decadência, sobretudo no português do Brasil, em decorrência do próprio modo – mais espontâneo e íntimo – de realização do ato interacional. Dessa sorte, a forma de tratamento *Vossa Mercê* empregada, inicialmente, com valor honorífico na Idade Média (o seu primeiro registro escrito data de 1331), tendo a sua origem relacionada a duas das mais importantes instituições sociais: a do rei (a quem cabiam justiça e proteção) e a do senhorio (dotado de poder feudal). Ao longo do tempo, essa forma teve ampliado o seu campo dêitico, usada em sentido amplo, perdendo o seu valor honorífico para a forma *Vossa Alteza* (1477) e deixando completamente de ser usada com tal valor no final do século XV (1490). Em decorrência dessa expansão social de uso, a forma *Vossa Mercê* evoluiu em duas direções:

> (i) manteve sua integridade formal e seu valor honorífico quando empregada pela burguesia urbana em contextos formais, arcaizando-se durante os séculos XVII e XVIII;
>
> (ii) foi afetada por um rápido processo de simplificação fonética do qual resultaram os pronomes *você* e *vocês* e, depois, *ocê/ocês, cê/cês* de uso corrente no português brasileiro atual.

A par dessas possibilidades Faraco faz referência a outras, encontradas no meio urbano – *vomecê*, pronomes *você* e *vocês* e, depois, *ocê/ocês, cê/cês* de uso corrente no português brasileiro atual; a par dessas *vosmecê, vossemecê, vossecê, você, ocê* e *cê* – e no meio rural (registradas por Amaral, 1955): *vossuncê, vassuncê, mecê, vancê, vacê, vosmincê, vamicê, vom'cê, voncê, suncê, mecê*. Essa bipartição, acredita o autor, seria, por si só, uma evidência correlacionada de que a evolução de *Vossa Mercê* em tantas direções se deve a fatores de ordem social e geográfica. Assim, é que a forma *você(s),* por exemplo, é mal vista em algumas regiões rurais de Portugal, o que levou alguns lingüistas a supor que ela teve origem em ambiente urbano, onde imperava a burguesia, diferentemente, pois, de outras, originadas no meio rural.

Amaral (1955, p. 1991) nos mostra que esse tipo de distinção também é registrado no português do Brasil, conforme nos comprova o seguinte excerto: *... vacê, vancê, vassuncê, vossuncê, alterações de vossa-mercê, são de uso culto. A primeira forma é mais familiar; vancê, mais respeitosa; as outras, ainda mais cerimoniosas do que essa. Há outras vamicê, sincê, mecê.* Quanto à forma *você*, é, hoje, amplamente usada por nós, tanto em situações formais quanto informais, em substituições a *tu,* de emprego cada vez mais restrito. Apesar de não contarmos com documentos que nos revelem a razão desse largo uso da forma *você*, há, segundo esse autor, dados que nos ajudam no processo de reconstrução hipotética desse fato. Um deles é que, a partir dos fins do século XV, registra-se, em Portugal, o uso generalizado da forma *Vossa Mercê* e suas variantes pela população não-aristocrática, da qual eram membros os diversos contingentes de pessoas que se estabeleceram no Brasil, como colonos, no início de sua ocupação, em meados do século XVI. Nesse

período, a forma de tratamento *vós* já se encontrava obsoleta e o processo de simplificação de forma *Vossa Mercê,* em estágio avançado.

Esses fatos nos permitem supor que o português trazido para o Brasil já contava com diferentes variantes de *Vossa Mercê* como formas de tratamento conferido a qualquer tipo de interlocutor, sendo muitas delas ainda encontradas no dialeto caipira, próprio do interior de São Paulo, conforme mostrado por Amadeu Amaral (1955).

A par desses fatores de ordem sociocultural, Faraco (1996) arrola outros, de cunho histórico, possíveis de esclarecer aspectos atuais de nossa língua, muitas vezes avaliados equivocadamente por estudiosos que teimam em classificá-los como erros e a tomar como modelo uma realidade lingüística pretérita, a ser adotada pelas instituições escolares. Nas palavras do autor, no caso em pauta,

> os gramáticos se comportam como se pudéssemos ignorar seis séculos de história, seis séculos em que a mudança nas formas de tratamento acabou resultando em grandes modificações dos paradigmas verbais e pronominais do português e até mesmo de alguns aspectos da estrutura sintática (p. 53).

Ciente do caráter hipotético das explicações concernentes às mudanças sofridas por *Vossa Mercê*, esse autor acredita que vários pontos dessa evolução podem ser recuperados por meio de estudos dialectológicos e sociolingüísticos, que enfoquem, principalmente, as comunidades rurais, estudos esses dificultados pela migração e urbanização causadas pelas alterações no sistema tradicional da produção agrícola e da vida rural brasileira.

3 Modos e Rumos do Processo de Evolução de *Vossa Mercê* no Português

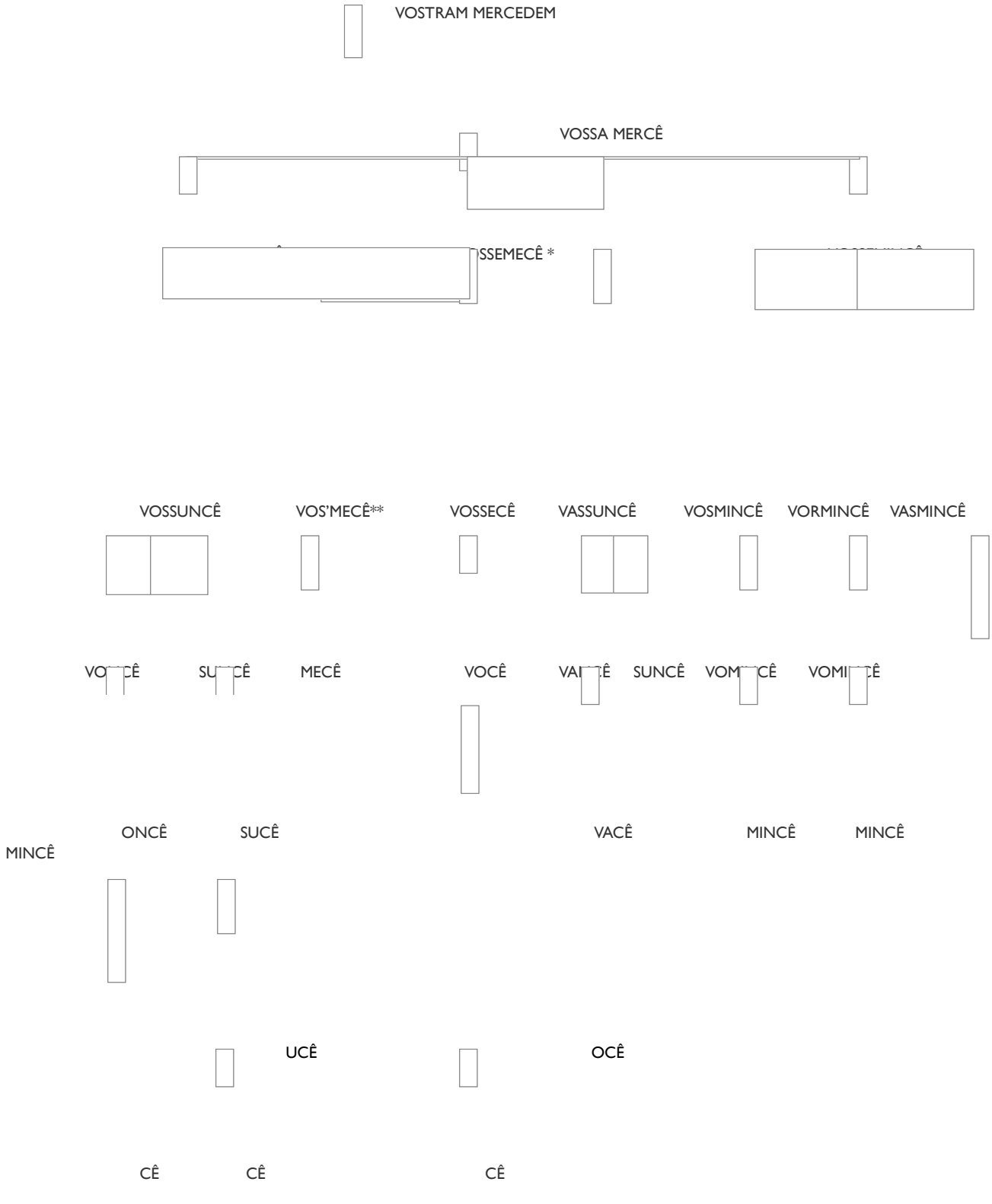
3.1 Percurso Temporal e Distribuição Espacial

Levando em conta as formas de tratamento resultantes da evolução do pronome de tratamento *Vossa Mercê*, próprio da fase arcaica de nossa língua, bem como o seu contexto – histórico e social – de uso, procuramos mostrar, nesta seção, o seguinte: a) os vários desmembramentos de *Vossa Mercê,* no português do Brasil; b) a distribuição das formas derivadas, segundo o espaço geográfico brasileiro; e c) os níveis lingüísticos envolvidos no processo de sua evolução.

De início, observemos o Esquema nº 1 a seguir, no qual apresentamos a seqüência de alterações que, supomos, atingiram o pronome *Vossa Mercê* e trouxeram como resultado uma forma que acabou passando, por recategorização (mudança de categoria), do elenco das formas de tratamento para o sistema pronominal dêitico.

Esquema I

Trajetória (provável) da Evolução de *Vossa Mercê* no PB



Grafias variáveis encontradas:** ***vossemecê ~ vocmecê; vos'mecê ~ vosmecê

Retentoras, em algumas situações ou espaços de interlocução, de sua função originária (de dependência para com o enunciatário), essas formas, segundo pudemos averiguar, assim se distribuem nos diferentes estados brasileiros:

Quadro I

Distribuição Geográfica das Formas Originadas de *Vossa Mercê* no PB

Localidades	**Formas de tratamento**
Alagoas	*vosmecê – você – ocê – cê*
Amazonas	*vassuncê – vossuncê – vasmincê – vancê – vacê – você – ocê – ce*
Bahia	*Vasmincê – vosmecê – você – ocê – cê*
Ceará	*vosmincê – vossuncê – voncê – vomincê – vormincê - vossemincê – você – ocê – cê*
Goiás	*vancê – voncê – oncê – você – ocê – cê*
Minas Gerais	*Vassuncê – vossemecê – mecê - você - ocê – cê – ancê – vancê*
Paraná	*você – ocê – cê*
Pernambuco	*vosmincê – vossuncê – vosmecê – vainicê – você – voucê – voncê – ocê – cê*
Rio de Janeiro	*vosmincê – vossuncê – voncê – sucê – você – ocê – cê*
Rio Grande do Sul	*mecê – vancê – vacê - você – ocê – cê*
São Paulo	*vassuncê – vossemecê – vosmecê – suncê – mecê – voncê – vancê – você – ocê – cê*
Sergipe	*vasmincê – você – ocê – cê*

O Quadro 1, esclarecemos, foi delineado por nós a partir de informações obtidas de estudiosos como Lapa (1991), Said Ali (1966), Biderman (1975), Cintra (1972), Faraco (1996), Amaral (1955), Luft (1957), Nascentes (1950), Bastos (1931), Wilhelm (1979), Vasconcelos (1883) e Pereira (1915).

Em face da coexistência de variantes distintas numa mesma localidade, podemos concluir que a evolução de *Vossa Mercê* em nosso país não só foi diversificada em termos interterritoriais como em termos intraterritoriais – o que serve para corroborar e expandir o quadro traçado por Coelho (1999), ao investigar o uso das formas *você ~ ocê ~ cê,* no português falado na cidade de São Francisco, Norte de Minas Gerais. Essa estudiosa identificou duas linhas de evolução da forma de tratamento *Vossa Mercê:* a) uma própria à área urbana = *vossa mercê > vossemecê > vosmecê > você > ocê > cê;* e b) outra, à área rural = *vossa mercê > vossamecê > vossancê ~ vossuncê ~ vassuncê > vancê ~ você > ancê ~ uncê ~ oncê ~ ocê > cê.*

3.1.1 Síntese de Propostas de Linhas de Evolução

A – Síntese da escalada que teve como ponto de partida uma forma calcada no modelo latino: *vostram mercedem > vostam mercedem > vosta mercede > vossa mercede > vossa merced > vossa merced > vossa mercê.*

B – Esquemas escalares correspondentes aos diferentes caminhos tomados por *Vossa Mercê:*

- Roteiro n° 1 = *vossa mercê* > *vossemecê* > *vossuncê* > *voncê* > *oncê* > *uncê* > *ucê* > *cê*
- Roteiro n° 2 = *vossa mercê > vossemecê* > *vossemincê > vosmincê ~ vormincê > mincê*
- Roteiro n° 3 = *vossa mercê > vossemecê > vossecê > você > ocê > cê*
- Roteiro n° 4 = *vossa mercê > vassuncê > suncê > uncê > cê*
- Roteiro n° 5 = *vossa mercê > vassuncê > vancê > ancê > cê*
- Roteiro n° 6 = *vossa mercê > vassuncê > vancê > vacê > acê > cê*

- Roteiro n° 7 = *vossa mercê* > *vossemecê* > *vosmecê* > *vossecê* > *você* ~ *voucê* > *ocê* > *cê*

- Roteiro n° 8 = *vossa mercê* > *vosseminc*ê > *vasminc*ê > *vainicê* > *cê*

- Roteiro n° 9 = *vossa mercê* > *vossemecê* > *vos'mecê* > *mecê*

- Roteiro n° 10 = *vossa mercê* > *vossemecê* > *vossuncê* > *suncê* > *sucê* > *ucê* > *cê*

C — Roteiros (prováveis) do *Vossa Mercê* no Brasil – localidades:

1. Alagoas:

vossa mercê > vossemecê > vosmecê > vossecê > você > ocê > cê

2. Amazonas:

2.1. vossa mercê > vossamecê > vassuncê > vancê > vacê > acê > cê

2.2. vossa mercê > vossemecê > vossuncê > voncê > oncê > uncê > ucê > cê

2.3. vossa mercê > vosseminc*ê* > vasminc*ê* > vainicê > cê

2.4. vossa mercê > vossemecê > vossecê > você > ocê > cê

3. Bahia:

3.1. vossa mercê > vosseminc*ê* > vasminc*ê* > vainicê > cê

3.2. vossa mercê > vossemecê > vossecê > você > ocê > cê

3.3. vossa mercê > vossemecê > vosmecê > mecê

4. Ceará:

4.1. vossa mercê > vosseminc*ê* > vosminc*ê* > vorminc*ê* ~ vominc*ê* > minc*ê*

4.2. vossa mercê > vossemecê > vossuncê > voncê > oncê > uncê > ucê > cê

4.3. vossa mercê > vossemecê > vosmecê > vossecê > você > ocê > cê

5. Goiás:

5.1. vossa mercê > vossamecê > vossancê > vancê > ancê > cê

5.2. vossa mercê > vossemecê > vossuncê > voncê > oncê > uncê > ucê > cê

5.3. vossa mercê > vossemecê > vossecê > você > ocê > cê

6. Minas Gerais:

6.1. vossa mercê > vossemecê > vos'mecê > mecê

6.2. vossa mercê > vossamecê > vossancê > vancê > ancê > cê

6.3. vossa mercê > vossemecê > vossecê > você > ocê > cê

7. Paraná:

7.1. vossa mercê > vossemecê > vossecê > você > ocê > cê

8. Pernambuco:

8.1. vossa mercê > vossemincê > vosmincê > vomincê > mincê

8.2. vossa mercê > vossemecê > vossuncê > voncê > oncê > uncê > ucê > cê

8.3. vossa mercê > vossemecê > vos'mecê > mecê

8.4. vossa mercê > vossemincê > vasmincê > vainicê > cê

8.5. vossa mercê > vossemecê > vossecê > você ~ voucê > ocê > cê

9. Rio de Janeiro:

9.1. vossa mercê > vossemincê > vosmincê > vomincê > mincê

9.2. vossa mercê > vossemecê > vossuncê > suncê > sucê > ucê > cê

9.3. vossa mercê > vossemecê > vossuncê > voncê > oncê > uncê > ucê > cê

9.4. vossa mercê > vossemecê > vossecê > você > ocê > cê

10. Rio Grande do Sul:

10.1. vossa mercê > vossemecê > vos'mecê > mecê

10.2. vossa mercê > vossamecê > vassuncê > vancê > vacê > acê > cê

10.3. vossa mercê > vossemecê > vossecê > você > ocê > cê

11. São Paulo:

11.1. vossa mercê > vossemecê > vos'mecê > mecê

11.2. vossa mercê > vossamecê > vassuncê > vancê > ancê > cê

11.3. vossa mercê > vossemecê > vossuncê > suncê > sucê > ucê > cê

11.4. vossa mercê > vossemecê > vossuncê > voncê > oncê > uncê > ucê > cê

11.5. vossa mercê > vossemecê > vossecê > você > ocê > cê

12. Sergipe:

12.1. vossa mercê > vossemecê > vossecê > você > ocê > cê

12.2. vossa mercê > vossemincê > vasmincê > mincê

3.2. Aspectos Lingüísticos Envolvidos na Evolução de *Vossa Mercê* > cê, no PB

Segundo Faraco (2005),

> qualquer parte da língua pode mudar, desde aspectos da pronúncia até aspectos de sua organização semântica e pragmática. A classificação geral das mudanças é feita utilizando-se os diferentes níveis comuns no trabalho de análise lingüística. Assim, na história de uma língua, pode haver mudanças fonético-fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas, lexicais, pragmáticas (p. 34-35).

Analisando, ainda que superficialmente, as mudanças ocorridas na forma e no uso de *Vossa Mercê* no português, percebemos que elas não se restringem ao nível gramatical – fonético e morfossintático –, mas se relacionam aos níveis semântico, pragmático e discursivo, conforme explicitado, a seguir:

- No plano fonético-fonológico, as formas *vancê* e *ancê*, por exemplo, continuadoras da forma *vossancê,* ilustram o processo de redução fonológica que culminou no nosso *cê,* na seguinte ordem escalar: ***vossancê > vancê > ancê > cê .***

- No morfossintático, *Vossa Mercê,* originado da conjunção de ***vossa***

(pronome possessivo de segunda pessoa) **+ *mercê*** (substantivo feminino), ou seja, de duas palavras autônomas, com significação própria, reduz-se a um lexema único, devido às modificações fonético-fonológicas, semânticas e discursivas, que determinam a sua gramaticalização, bem como das várias formas que assumiu.

- Quanto à dimensão semântica, além do esmaecimento do sentido de *mercê*, assistimos, ainda hoje, a um processo de variação do pronome ***você*** no PB, atestado por autores como Ilari *et al.* (1996). De segunda pessoa, que, em princípio, faz referência a quem se fala, isto é, ao enunciatário, *você* está sendo interpretado como índice de indeterminação, correspondendo "*a um fosse quem fosse"/"seja quem for"*.

- Do ponto de vista pragmático e discursivo, foram várias alterações ocorridas no uso de *Vossa Mercê*, nos diversos momentos da história do português, conforme resumido nesta escala: *forma usada para se dirigir ao rei > forma estendida aos membros da nobreza > forma estendida a patrões burgueses > forma estendida a pessoas de baixa posição social.*

Essa caminhada comprova a observação de Faraco (1996), segundo a qual qualquer dimensão da língua é passível de mudança, sendo que as mudanças não se dão de forma estanque e os níveis gramaticais devem ser vistos como divisões feitas pelos estudiosos com objetivos analíticos, ao passo que a realidade de uma língua é uma totalidade.

4 Conclusão

Em face do que aqui se viu, podemos dizer que o pronome de tratamento do Português, *Vossa Mercê*, originado da forma *Vostram Mercedem* do latim, passou por processos de transformação de natureza fonológica, morfológica, semântica e pragmática, contando no seu período atual com três formas em variação no português oral brasileiro (*você ~ ocê ~ cê)* num percurso diferenciado, segundo o seu espaço – geográfico e social – de uso. Esse espraiamento em direções variadas nada mais é do que uma amostra, uma evidência da possibilidade de variação e mudança em contexto intraterritorial.

Quanto à expansão e fixação das várias formas – de tratamento ou de valor dêitico – oriundas de *Vossa Mercê*, elas se devem a causas históricas e socioculturais, que costumam mobilizar, ou, então, inibir a variação e a mudança nas línguas. Desse modo, a continuidade do trabalho aqui iniciado, que nos impulsiona a dar

continuidade à tarefa de reconstituir o caminho de evolução de *Vossa Mercê* em outras localidades brasileiras e nos países lusófonos, só pode ter sucesso se levarmos em conta os fatores externos, os quais co-atuaram com os internos nas transformações ocorridas.

Notas

[1] Entenda-se "discurso", neste trabalho, como o uso potencial da língua, ou seja, as estratégias criativas utilizadas pelo falante para organizar funcionalmente seu texto para um determinado ouvinte e em uma determinada situação de comunicação" (Martelotta, Votre e Cezário, 1996, p. 48).

2 Professora de Lingüística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Montes Claros e doutoranda (bolsista da FAPEMIG) da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Em função de sua tese em andamento, desenvolve o Projeto "A Língua Portuguesa nas Comunidades Quilombolas do Norte de Minas Gerais". Suas principais e atuais linhas de pesquisa têm sido: Lingüística e Língua Portuguesa (sociolingüística, línguas em contato e etnolingüística), Literatura de autoria feminina mineira e Literatura oral das comunidades quilombolas do norte de Minas Gerais.

3 Para a proposta do presente trabalho, "gramaticalização" é entendida como "... um processo de mudança unidirecional, segundo o qual elementos lexicais e construções passam a desempenhar funções gramaticais, tendendo, com a continuidade do processo, a assumir novas funções gramaticais" (Martelotta, 1996, p. 192).

Referências

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Hucitec, 1955.

BASTOS, Cláudio. Formas de tratamento, em português. *Revista Lusitana,* Lisboa, n. 29, p. 183-202, 1931.

BIDERMAN, M. T. C. Formas de tratamento e estruturas sociais. *Alfa*, v. 18-19, p. 339-381, 1975.

CINTRA, Luís Fernando Lindley. *Sobre formas de tratamento na língua portuguesa*. Lisboa: Horizonte, 1972.

COELHO, Maria do Socorro Vieira. *Uma abordagem variacionista do uso da forma Você no Norte de Minas.* 1999. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos)–Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

ELIA, Sílvio. *A unidade lingüística do Brasil*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

FARACO, Carlos Alberto. O tratamento você em português: uma abordagem histórica. *Fragmenta*, Curitiba, n. 13, p. 51-82, 1996.

_____. *Lingüística histórica:* uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ILARI, Rodolfo; NEVES, Maria Helena de Moura; FRANCH, Carlos; POSSENTI, Sírio. Os pronomes pessoais do português: um roteiro para a análise. In: KATO, Mary Aizawa; CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *Gramática do português falado*: estudos descritivos. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1996. v. 1, p. 79-167.

LAPA, Manuel Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Fontes, 1991.

LUFT, Celso Pedro. Tratamento depreciativo. *Revista Brasileira de Filologia,* Rio de Janeiro, v. 3, p. 193-207, 1957.

MARROQUIM, Mário. *A língua do nordeste*. 3. ed. Curitiba: HD Livros, 1996.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria. O paradigma da gramaticalização. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria Maura (Org.). *Gramaticalização no português do Brasil:* uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ, 1996. p. 45-75.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Gramaticalização em operadores argumentativos. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria Maura (Org.). *Gramaticalização no português do Brasil:* uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ, 1996. p. 191-220.

MELO, Gladstone Chaves de. *O português do Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.

_____. *A língua do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1981.

MENON, Odete Pereira. Seu/de vocês: variação e mudança no sistema dos possessivos. In: HORA, Dermeval da (Org.). *Diversidade lingüística no Brasil.* João Pessoa: Idéia, 1997. p. 79-92.

NASCENTES, Antenor. Fórmulas de tratamento no Brasil nos séculos XIX e XX. *Revista Portuguesa de Filologia*, Coimbra, v. 3, t. 2, p. 52-68, 1950.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática histórica*. São Paulo: Ed. Nacional, 1915.

SAID ALI, Manuel. *Dificuldades da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1930.

_____. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 6. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

VASCONCELOS, José Leite de. Dialecto brasileiro. *Revista de Estudos Livres*, Lisboa, v. 1, p. 42-49, 1883.

WILHELM, Eberhard Axel. *Pronome de distância do português actual em Portugal e no Brasil*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1979.

Dados da autora:

*Maria do Socorro Vieira Coelho

Professora de Lingüística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES – e doutoranda (bolsista da FAPEMIG) da PUC Minas

Endereço para contato:

Universidade Estadual de Montes Claros

Departamento de Comunicação e Letras

Rua Dr. Rui Braga, s.n. – Vila Mauricéia

39401-089 Montes Claros/MG – Brasil

Endereço eletrônico: soccoelho@hotmail.com

Data de recebimento: 31 maio 2007

Data de aprovação: 20 ago. 2008